

Avaliação da timidez e fobia social: evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura interna e consistência interna

Daniella Maito
Heila Magali da Silva Veiga
Sidnei Priolo Filho
Pedro Afonso Cortez

RESUMO

O presente estudo objetivou realizar a adaptação cultural e proporcionar evidências psicométricas das Escalas Revisada de Timidez Cheek & Buss (RCBS) e Inventário de Fobia Social (SPIN) para avaliação da timidez e fobia social entre crianças e adolescentes brasileiros. Participaram do estudo 142 adolescentes, com média de idade de 14,22 anos ($DP = 1,76$; $Min = 10,00$; $Máx = 17,50$), sendo 64,08% do gênero feminino. As escalas avaliadas apresentaram elevada consistência interna, com Alfa de Cronbach e Ômega de McDonald superiores a 0,80 para todos os fatores dos instrumentos. A RCBS obteve índices de ajustes adequados para o modelo de um fator, e o inventário SPIN apresentou melhores índices de ajustes para o modelo testado de dois fatores. A evidência de validade para critério concorrente demonstrou correlação positiva e significativa com fatores relativos à vitimização por bullying. Identificou-se a sobreposição dos fatores das escalas RCBS e SPIN, o que respaldou a proposta de uma escala unificada (MU-TFS) de avaliação dos dois construtos, abrangendo 35 itens e estrutura factorial de três fatores. O principal impacto do estudo consiste na otimização das condições de avaliação e rastreio da timidez e fobia social entre crianças e adolescentes brasileiros.

Palavras-chave: avaliação psicológica, medidas, ansiedade social, adolescentes, bullying.

ABSTRACT

Assessment of shyness and social phobia: evidence of validity based on content, internal structure and internal consistency

The present study aimed to carry out cultural adaptation and provided psychometric evidence for the Revised Cheek & Buss Shyness Scale (RCBS) and Social Phobia Inventory (SPIN) to assess shyness and social phobia among Brazilian children and adolescents. A total of 142 adolescents participated in the study ($M = 14.22$ years; $SD = 1.76$; $Min = 10.00$; $Max = 17.50$; 64.08% female). The RCBS showed high internal consistency (Cronbach's Alpha $\alpha = 0.90$; McDonald's Omega $\Omega = 0.90$). It also obtained adequate adjustment indexes for the one-factor model, which reinforces this proposal of internal structure for the RCBS. The SPIN inventory showed better fit indexes for the two-factor model and high internal consistency, with Cronbach's Alpha α and McDonald's Omega Ω greater than 0.80 for all the instrument factors. Validity evidence for concurrent criteria showed a positive and significant correlation with bullying victimization. We identified conceptual overlap between the factors of the RCBS and SPIN scales, which supported the proposal of a unified scale (MU-TFS) for the assessment of both constructs, using 35 items and a factorial structure of three factors. The main impact of the study is the optimization of conditions for the assessment and screening of shyness and social phobia among Brazilian children and adolescents.

Keywords: psychological assessment, measures, social anxiety, adolescents, bullying.

Sobre os autores

D. M.
orcid.org/0000-0001-9712-3768
Universidade Tuiuti do Paraná
Curitiba - PR
daniellamaito@hotmail.com

H. M. S. V.
orcid.org/0000-0002-7429-8124
Universidade Federal de
Uberlândia
Uberlândia – MG
heila.veiga@gmail.com

S. P. F
orcid.org/0000-0003-1320-9674
Universidade Tuiuti do Paraná
Curitiba - PR
sdpriolo@gmail.com

P. A. C.
orcid.org/0000-0003-0107-2033
Universidade Federal de
Uberlândia
Uberlândia, MG
cor.afonso@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



A timidez é um traço de personalidade definido como tensão e inibição diante de outras pessoas, e tem relação com o desconforto gerado por situações sociais (Cheek & Buss, 1981). O conceito abrange o comportamento de evitação de interações sociais, falhas relacionadas à participação social e autocritica excessiva sobre a competência social (Akariya et al., 2022; Henderson & Zimbardo, 2010; Pilkonis, 2006). O transtorno de ansiedade social, também denominado como fobia social, é identificado a partir do medo intenso e persistente de situações sociais, acompanhado pelo medo de julgamento, com respostas de ansiedade com desconforto físico e prejuízos consistentes na vida do indivíduo, em termos sociais, acadêmicos e laborais (American Psychiatry Association [APA], 2014).

Esses conceitos são fundamentais, pois exercem influência no desenvolvimento adaptativo de crianças e adolescentes, tendo em vista que timidez e fobia social impactam na qualidade das interações sociais (Friedman & Schustack, 2004; Nunes, et al., 2018). O funcionamento adaptativo das interações sociais proporciona condições de efetiva socialização e rendimento em espaços educativos (Borba & Marin, 2018; Monjas & Caballo, 2005, Bordás & Usán, 2019). A desadaptação durante essa fase do ciclo vital tem se associado com o desenvolvimento de problemas internalizantes, relacionados a retraimento social, isolamento, comportamentos ansiosos, depressivos e sintomas somáticos, e condutas externalizantes, expressas através de comportamentos agressivos, opositores e impulsivos (Barrio-Gándara et al., 2021; Fatori et al., 2018; Parco & Jó, 2015).

Nos casos em que a timidez se encontra aumentada, identificam-se dificuldades emocionais como baixa autoestima, insegurança, isolamento social, além de problemas internalizantes (Kagan et al., 1988; Weeks et al., 2016; Zdebik et al., 2019). Durante a adolescência, aspectos relacionados à manifestação e preocupação com a sexualidade contribuem com o aumento da timidez, o que pode se manifestar mediante comportamentos de evitação para relacionamentos íntimos, tais como os vínculos amorosos (Cheek et al., 1986). Outros estudos têm apresentado que alguns desfechos negativos se associam à timidez como depressão, vitimização por bullying, uso de internet, uso de álcool e outras substâncias (Forsberg & Horton, 2022; Heiser et al., 2003; Joiner, 1997; Karevold et al., 2012; Murberg, 2009; Rosen et al., 2016; Tang et al., 2017).

Desta feita, a dificuldade preliminar de interação social, que é característica da timidez, pode vir a agravar gerando prejuízos a vida social da pessoa. Nesta concepção, a timidez na infância e adolescência seria preditora do desenvolvimento do transtorno de ansiedade social ao longo do ciclo vital (Blöte et al., 2019; Bohlin & Hagekull, 2009, Heiser et al., 2003, Tang et al., 2017, Tsui et al., 2016). Nos casos de consolidação da fobia

social, as crianças e adolescentes tendem a apresentar medo e ansiedade intensos de situações sociais, tendo como consequência prejuízos significativos na vida social, acadêmica e laboral (APA, 2014; Bekkhus et al., 2022). Nessa condição, além das queixas de sofrimento psíquico e dificuldade de adaptação à realidade, as crianças e adolescentes com fobia social também apresentam maior suscetibilidade às situações de violência, especificamente ao bullying (Spensieri et al., 2017; Zhao et al., 2020).

Dentro do escopo apresentado, portanto, é fundamental intervir no manejo da timidez e fobia social, com o intuito de realizar o rastreio adequado desses quadros, a fim de ofertar suporte ao desenvolvimento humano adaptativo para crianças e adolescentes que enfrentam dificuldades nas interações sociais (Powell et al., 2022). Em revisão anterior da literatura brasileira, Maito et al. (2023) identificaram que a literatura latino-americana não dispõe de instrumentos para avaliação da fobia social e timidez com propriedades psicométricas otimizadas.

No caso da timidez, Maito et al. (2023) identificaram uma proposta norte-americana nomeada Escala de Timidez Revisada de Cheek e Buss - RCBS (Cheek & Briggs, 1990) que pode ser adaptada ao Brasil, tendo como base na adequação das evidências psicométricas de estudos transculturais anteriores (Crozier, 2005; Hopko et al., 2005; Kwiatkowska et al., 2016; Rodriguez et al., 2013). Para a fobia social, a autora argumenta favoravelmente à qualidade teórico-prática proposta ao Inventário de Fobia Social – SPIN – Social Phobia Inventory (Vilete et al., 2004) que foi aplicada com crianças e adolescentes no Brasil, mas sem o devido exame de suas propriedades psicométricas. Ainda assim, o estudo exploratório inicial indica a alternativa com potencial impacto ao Brasil, mediante a exploração de evidências de validade para a população de crianças e adolescentes em nosso contexto.

Maito et al. (2023) ainda fazem crítica à sobreposição conceitual existente nas propostas de avaliação da timidez e fobia social. Assim, somam esforços às evidências internacionais que indicam, além da necessidade de adaptação cultural de instrumentos para o Brasil, a necessidade de esclarecer nas medidas da timidez e fobia social qual construto se apresenta efetivamente mensurado (Brook & Willoughby, 2017; Heiser et al., 2009; Poole et al., 2017; Rai, 2011). Os argumentos apresentados resultam na hipótese do estudo: H1. As evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura interna e consistência interna suportam a proposição de instrumento unificado de avaliação da timidez e fobia social entre crianças e adolescentes brasileiros.

Com vistas a contribuir neste problema, o presente estudo objetivou realizar a adaptação cultural das escalas RCBS e SPIN para avaliação da timidez e fobia social entre crianças e adolescentes brasileiros, bem como proporcionar evidências

psicométricas capazes de sustentar a diferenciação desses construtos em uma proposta unificada de mensuração da timidez e fobia social.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram do estudo 142 adolescentes, com média de idade de 14,22 anos ($DP = 1,76$; $Min = 10,00$; $Máx = 17,50$), sendo 64,08% do gênero feminino, 31,69% do gênero masculino e 4,22% outros. Quanto à escolaridade, a maior parte dos participantes se concentram no 8º ano do ensino fundamental (19,01%), 9º ano do ensino fundamental (24,64%) e 3º ano do ensino médio (17,60%). No que tange à realidade familiar, 65,00% dos adolescentes têm pais separados, sendo que 18,31% não tem irmãos, 47,88% têm um irmão, e 23,23% têm dois irmãos. Além disso, 80,53% dos adolescentes declararam que residem na mesma casa de seus irmãos.

INSTRUMENTOS

Escala de Timidez Revisada de Cheek e Buss - RCBS (Cheek & Briggs, 1990): instrumento de autorrelato utilizado com o objetivo de avaliar o construto timidez e, composto por 14 itens, sendo que não há evidências de validade prévias ao Brasil. As respostas são assinaladas com escalas do tipo Likert (1 = Nunca; 5 = Sempre). As evidências psicométricas foram exploradas no presente estudo.

Inventário de Fobia Social – SPIN – Social Phobia Inventory (Vilete et al., 2006): instrumento de autorrelato de 17 itens que avaliam conteúdos relacionados ao medo, esquiva de situações e sintomas de desconforto físico. As respostas são assinaladas com escalas do tipo Likert (1 = Nunca; 5 = Sempre). As evidências psicométricas foram exploradas no presente estudo.

Escala de Vitimização entre Alunos – EVA (Stelko-Pereira et al., 2019): instrumento de autorrelato com 18 itens e escala de resposta do tipo Likert de 5 pontos. É composto por 2 fatores (vitimização por bullying presencial e vitimização por cyberbullying). As respostas são assinaladas com escalas do tipo Likert (1 = Nunca; 5 = Sempre). As evidências psicométricas anteriores respaldaram o uso da escala em dois fatores. Neste estudo, a escala apresentou coeficientes alfa e ômega para o fator 1 de 0,85 e 0,86, respectivamente, e para o fator 2, coeficiente alfa e ômega de 0,89 e 0,91.

Questionário Sociodemográfico: instrumento utilizado para caracterização da amostra, composto por questões

abrangendo gênero, idade, escolaridade, se têm irmãos e qual a idade deles, e se os pais são separados.

PROCEDIMENTOS

O processo de adaptação cultural da RCBS (Cheek & Briggs, 1990) foi realizado em quatro passos. Os passos foram empreendidos conforme a seguir: 1) tradução ao idioma alvo por dois tradutores profissionais proficientes nível C1 em inglês → português; 2) tradução reserva por tradutor independente que respaldou a equivalência ao original; 3) síntese por especialistas de versão unificada dos instrumentos, o que resultou na adição de quatro itens adicionais com base na expertise teórico-prática do Comitê de Especialistas; 4) análise semântica e entrevista cognitiva (Borsa et al., 2012; Hambleton et al., 2004; Ryan et al., 2012) como estudo piloto na população chave (duas crianças e dois adolescentes do gênero masculino e feminino). No caso do Inventário de Fobia Social – SPIN (Social Phobia Inventory) foi empregada a versão em língua portuguesa apresentada anteriormente na literatura, sendo a contribuição do presente estudo a investigação das propriedades psicométricas que se mostravam lacunares em estudo anterior (Vilete et al., 2004; 2006).

Após a aprovação da pesquisa em Comitê de Ética da Universidade Tuiuti do Paraná, sob Certificação de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n. 36502420.7.0000.8040, os pais ou responsáveis pelos participantes foram recrutados por meio de divulgação em redes sociais. Foi solicitado aos responsáveis dos participantes a autorização mediante preenchimento do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE. Após o consentimento dos pais, as crianças e adolescentes assinaram o TALE (Termo de Assentimento Livre Esclarecido) e foram incluídos na participação da pesquisa. A aplicação ocorreu por meio de Google Forms com os instrumentos no formato de autorrelato. O tempo médio de participação para preenchimento dos instrumentos pelas crianças e adolescentes foi de 10 minutos.

ANÁLISE DE DADOS

Foi realizada a inspeção, limpeza e organização do banco de dados utilizando o software Microsoft Excel. As demais análises foram realizadas por meio do software Jasp (0.16.1). As análises descritivas (média, desvio padrão, mínimo e máximo) foram realizadas para caracterizar a amostra do estudo. Os índices KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) com valor igual ou superior a 0,60 e o teste de esfericidade de Bartlett significativo ($p < 0,05$) foram realizados para inspecionar a adequação do uso da análise fatorial (Sellbom

& Tellegen, 2019). As estruturas fatoriais foram implementadas de forma exploratória com extração fatorial pelo algoritmo WLS (Weighted Least Squares) e retenção fatorial mediante análise paralela com autovalor empírico $> 1,00$ e maior que autovalor simulado e critério de raiz de Kaiser com autovalor superior a 1,00 (Bandalos & Finney, 2018).

Na proposição das estruturas fatoriais confirmatórias, implementou-se o algoritmo DWLS (Diagonally Weighted Least Squares) para extração fatorial com emulação do Mplus, inspecionando-se os índices de ajuste em termos de χ^2/df próximo a 1,00, TLI e CFI superiores a 0,90 e RMSEA $< 0,08$ (Forero et al., 2009). Os índices alfa de Cronbach ($>0,60$), Omega de McDonalds ($>0,60$), Correlação Média Interitem ($>0,25$) e Lambda 6 de Guttman ($>0,30$) foram analisados para estimar a qualidade da consistência interna por fator dos instrumentos (Cortina et al., 2020). Foram feitas análises de correlação de Pearson entre os instrumentos empregados com o intuito de verificar a associação entre os construtos investigados, sendo analisado o sentido da correlação para verificar relacionamento positivo ou negativo entre os construtos mensurados (Clark & Watson, 2019).

RESULTADOS

ESCALA DE TIMIDEZ (RCBS)

Os dados foram inspecionados quanto à fatorabilidade pelo índice KMO (Kaiser-Meyer-Olkin = 0,92) e teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2(91) = 880,09$, $p < 0,01$), demonstrando adequação para uso da análise fatorial. A análise fatorial exploratória indicou a retenção de um fator por meio da análise paralela e critério de raiz de Kaiser. A estrutura fatorial exploratória apresentou cargas fatoriais apropriadas variando entre |0,34| e |0,80| para os 14 itens. Em seguida, por meio da análise fatorial confirmatória, testou-se a estrutura fatorial de um e dois fatores por indicação prévia da literatura (Crozier, 2005; Vahedi, 2011). Os índices de ajuste dos modelos na análise fatorial confirmatória foram: Modelo 1 – Unifatorial ($\chi^2=66,92$; $df=77$; $\chi^2/df=0,86$; TLI=1,01; CFI=1,00; RMSEA=0,01); Modelo 2 – Dois fatores ($\chi^2=36,29$; $df=76$; $\chi^2/df=0,47$; TLI=1,02; CFI=1,00; RMSEA=0,01). O Modelo 2, que corresponde à estrutura de dois fatores, apresentou melhores índices de ajuste ao se comparar a diferença entre os modelos avaliados ($\chi^2=30,63$; $df=1$; $p<0,01$). No entanto, houve inconsistência na convergência do Modelo 2 com cargas fatoriais superiores a 1,00, o que suportou o Modelo 1 como opção ótima para o presente estudo. A estrutura fatorial dos modelos é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 - Comparação das Cargas Fatoriais dos Modelos Confirmatórios Testados da Escala de Timidez e Índices de Consistência Interna (RCBS)

	MODELO 1		MODELO 2	
	F1	F1	F2	
1. Eu me sinto tenso quando estou com pessoas desconhecidas.	0,74	0,76	-	
2. Acho que sou socialmente estranho.	0,76	0,78	-	
3. Eu consigo pedir informações a outras pessoas.	-0,59	-	0,70	
4. Eu me sinto desconfortável em festas e eventos sociais.	0,67	0,77	-	
5. Quando estou em um grupo de pessoas, tenho dificuldades de pensar nas coisas certas para falar.	0,67	0,90	-	
6. Rapidamente supero minha timidez em situações novas.	-0,63	-	0,73	
7. Para mim, é difícil agir naturalmente quando estou conhecendo pessoas novas.	0,69	0,98	-	
8. Me sinto nervoso ao conversar com pessoas em posição de autoridade.	0,58	0,86	-	
9. Confio que sou capaz de me comunicar bem com as pessoas.	-0,67	-	0,80	
10. Tenho dificuldade em olhar alguém diretamente nos olhos.	0,53	0,87	-	
11. Eu me sinto envergonhado em situações sociais.	0,79	1,04	-	
12. Eu acho fácil falar com estranhos	-0,52	-	0,61	
13. Eu sou mais tímido com pessoas do sexo oposto.	0,34	0,51	-	
14. Durante conversas com novos conhecidos, eu me preocupo em dizer algo bobo.	0,69	1,12	-	
Alfa de Cronbach	0,90	0,88	0,80	
Correlação média interitem	0,40	0,43	0,50	
Omega de McDonald	0,90	0,88	0,80	
Lambda 6 de Guttman	0,91	0,88	0,76	

ESCALA DE FOBIA SOCIAL (SPIN)

Os dados foram inspecionados quanto à fatorabilidade pelo índice KMO (Kaiser-Meyer-Olkin = 0,90) e teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2(136) = 1175,65$, $p < 0,01$) demonstrando adequação para uso da análise fatorial. A análise fatorial exploratória indicou a retenção de dois fatores por meio da análise paralela e critério de raiz de Kaiser. A estrutura fatorial exploratória apresentou cargas fatoriais apropriadas variando entre [0,36] e [0,76] para os 17 itens. Devido à ausência de evidências anteriores, testou-se de forma empírica dois modelos alternativos de um fator e dois fatores na análise fatorial confirmatória. Os índices de ajuste dos modelos foram: Modelo 1 – Unifatorial ($\chi^2=119,23$; $gl=119$; $\chi^2/gl=1,00$; TLI=1,00; CFI=1,00; RMSEA=0,01); Modelo 2 – Dois fatores ($\chi^2=85,65$; $gl=118$; $\chi^2/gl=0,72$; TLI=1,01; CFI=1,00; RMSEA=0,01). O segundo modelo obteve melhores índices de ajuste ($\chi^2=30,63$; $gl=1$; $p<0,01$). A estrutura fatorial dos modelos foi apresentada na Tabela 2.

Tabela 2 - Comparação das Cargas Fatoriais dos Modelos Testados da Escala de Fobia Social e Demais Propriedades Psicométricas (SPIN)

ITEM	MODELO 1		MODELO 2
	F1	F2	
1. Eu tenho medo de autoridades (por exemplo, professores, instrutores, diretor, etc.)	0,62	0,62	-
2. Eu fico incomodado de corar (ficar vermelho) na frente dos outros.	0,49	0,50	-
3. Festas e eventos sociais me assustam.	0,68	0,69	-
4. Eu evito falar com pessoas que eu não conheço.	0,66	0,67	-
5. Ser criticado me assusta muito.	0,61	-	0,75
6. O medo de ficar constrangido me faz evitar fazer coisas ou falar com outras pessoas.	0,81	0,81	-
7. Suar na frente dos outros me causa mal-estar.	0,53	0,53	-
8. Eu evito ir a festas.	0,53	0,54	-
9. Eu evito atividades nas quais sou o centro das atenções.	0,74	0,76	-

10. Falar com estranhos me assusta.	0,73	0,73	-
11. Eu evito ter que fazer discursos ou palestras (como falar na frente da turma ou para uma plateia).	0,58	0,58	-
12. Eu faria qualquer coisa para evitar ser criticado.	0,50	-	0,62
13. Palpitações (batidas fortes ou rápidas) do coração me incomodam quando eu estou perto dos outros	0,57	-	0,67
14. . Eu tenho medo de fazer coisas quando as pessoas possam estar olhando.	0,76	0,77	-
15. Ficar constrangido ou parecer estúpido estão entre meus piores medos.	0,64	-	0,78
16. Eu evito falar com qualquer autoridade (por exemplo, professores, instrutores, diretor, etc.).	0,62	0,63	-
17. Tremor na frente dos outros me causa mal-estar.	0,63	0,64	-
Alfa de Cronbach	0,92	0,90	0,80
Correlação média interitem	0,40	0,43	0,49
Omega de McDonald	0,92	0,91	0,80
Lambda 6 de Guttman	0,93	0,92	0,76

PROPOSTA DE MENSURAÇÃO UNIFICADA DA TIMIDEZ E FOBIA SOCIAL (MU-TFS)

Tendo em vista a necessidade de elucidar nos instrumentos de medida da timidez e fobia social qual construto se apresenta efetivamente mensurado (Brook & Willoughby, 2017; Heiser et al., 2009; Maito et al. (2023); Poole et al., 2017; Rai, 2011) propôs-se o teste conjunto da estrutura fatorial do SPIN e RCBS. Incluíram-se nessa estrutura, além dos itens originais do SPIN e RCBS, quatro itens adicionais sugeridos pelo Comitê de Especialistas no processo de adaptação cultural dos instrumentos supracitados. Os dados foram inspecionados quanto à fatorabilidade pelo índice KMO (Kaiser-Meyer-Olkin = 0,93) e teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2(595) = 3018,95$, $p < 0,01$) Nesta nova proposta unificada, inicialmente foi aplicada a análise fatorial exploratória, que indicou a retenção de três fatores por meio da análise paralela e critério de raiz de Kaiser. A estrutura fatorial exploratória apresentou cargas fatoriais apropriadas variando

entre |0,26| e |0,88| para todos os itens. Em seguida foi realizada a análise factorial confirmatória para a estrutura de três fatores que apresentou índices de ajuste adequados ($\chi^2=213,32$; $gl=557$; $\chi^2/gl=0,38$; $TLI=1,04$; $CFI=1,00$; $RMSEA=0,01$). A estrutura factorial do modelo foi apresentada na Tabela 3.

Tabela 3 - *Cargas Fatoriais Escala Unificada e Demais Propriedades Psicométricas (MU-TFS)*

ITEM	F1	F2	F3
1. Eu me sinto tenso quando estou com pessoas desconhecidas.	0,76	-	-
2. Acho que sou socialmente estranho.	0,75	-	-
3. Eu me sinto desconfortável em festas e eventos sociais.	0,69	-	-
4. Quando estou em um grupo de pessoas, tenho dificuldades de pensar nas coisas certas para falar.	0,68	-	-
5. Rapidamente supero minha timidez em situações novas.	-0,64	-	-
6. Para mim, é difícil agir naturalmente quando estou conhecendo pessoas novas.	0,66	-	-
7. O medo de ficar constrangido me faz evitar fazer coisas ou falar com outras pessoas.	0,79	-	-
8. Durante conversas com novos conhecidos, eu me preocupo em dizer algo bobo.	0,66	-	-
9. Festas e eventos sociais me assustam.	0,75	-	-
10. Eu evito ir a festas.	0,59	-	-
11. Sinto suor nas mãos e fico trêmulo quando falo com outras pessoas.	0,86	-	-
12. Eu consigo pedir informações a outras pessoas.	-	-0,59	-
13. Me sinto nervoso ao conversar com pessoas em posição de autoridade.	-	0,65	-
14. Confio que sou capaz de me comunicar bem com as pessoas.	-	-0,64	-
15. Tenho dificuldade em olhar alguém diretamente nos olhos.	-	0,56	-
16. Eu acho fácil falar com estranhos.	-	-0,50	-
17. Eu tenho medo de autoridades (por exemplo, professores, instrutores, diretor, etc.)	-	0,64	-

18. Eu evito falar com pessoas que eu não conheço	-	0,68	-
19. Eu evito atividades nas quais sou o centro das atenções	-	0,80	-
20. Falar com estranhos me assusta.	-	0,75	-
21. Eu evito ter que fazer discursos ou palestras (como falar na frente da turma ou para uma plateia)	-	0,62	-
22. Eu evito falar com qualquer autoridade (por exemplo, professores, instrutores, diretor, etc.)	-	0,65	-
23. Eu tenho dificuldades para apresentar trabalhos em público.	-	0,74	-
24. Eu sou mais tímido com pessoas do sexo oposto.	-	-	0,41
25. Eu fico incomodado de corar (ficar vermelho) na frente dos outros.	-	-	0,47
26. Ser criticado me assusta muito.	-	-	0,58
27. O medo de ficar constrangido me faz evitar fazer coisas ou falar com outras pessoas.	-	-	0,82
28. Suar na frente dos outros me causa mal-estar.	-	-	0,53
29. Eu faria qualquer coisa para evitar ser criticado.	-	-	0,44
30. Palpitações (batidas fortes ou rápidas) do coração me incomodam quando eu estou perto dos outros	-	-	0,54
31. Eu tenho medo de fazer coisas quando as pessoas possam estar olhando.	-	-	0,79
32. Ficar constrangido ou parecer estúpido estão entre meus piores medos.	-	-	0,63
33. Tremer na frente dos outros me causa mal-estar	-	-	0,63
34. Fico nervoso(a) em algumas situações sem saber o que falar, como se me desse um "branco" na minha cabeça	-	-	0,80
35. Tenho dificuldades de ligar minha câmera ou ouvir minha voz gravada.	-	-	0,73
Alfa de Cronbach		0,92	0,90
Correlação média interitem		0,51	0,44
Omega de McDonald		0,92	0,90
Lambda 6 de Guttman		0,92	0,92

Notou-se que, entre todos os modelos propostos, a proposta do modelo unificado, com estrutura em que 3 fatores explicam todos os itens, obteve maiores cargas fatoriais. As cargas fatoriais variaram de |0,59| a |0,86| no fator 1, de |0,50| a |0,80| para o fator 2, e de |0,41| a |0,82| no fator 3. Os índices de consistência interna se mostraram apropriados com valores próximos a 0,90, o que indica elevada consistência interna aos fatores propostos. Para analisar a relação entre os fatores dos instrumentos supracitados e a variável bullying e cyberbullying empregou-se as correlações, conforme apresentado na Tabela 4.

Houve validade convergente entre os fatores das escalas de timidez, fobia social e proposta de escala unificada. Todos

os fatores dos diferentes instrumentos apresentaram razoável relação positiva com os desfechos de bullying presencial e cyberbullying, o que indica evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas no critério concorrente de forma adequada, considerando evidência prévia da literatura de que timidez e fobia social se associam positivamente entre si (Weeks et al., 2016; Zdebike et al., 2019) com o desfecho de bullying (Forsberg & Horton, 2022; Rubin et al., 2009). De modo geral, as estruturas fatoriais propostas se mostraram adequadas com propriedades psicométricas satisfatórias nos termos investigados.

Tabela 4 - Correlação entre fatores das escalas originais, bullying e cyberbullying e a proposta de escala unificada

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Timidez (RCBS)	-							
2. Fobia social – medo e evitação de interações sociais (SPIN)		8,87**	-					
3. Fobia social – evitação a críticas e situações embaraçosas (SPIN)	0,60**	0,62**	-					
4. Bullying presencial	0,28**	0,29**	0,20*	-				
5. Cyberbullying	0,18*	0,20*	0,12	0,78**	-			
6. Timidez – prejuízo em interações sociais (MU-TFS)	0,94**	0,87**	0,57**	0,31**	0,23**	-		
7. Timidez e fobia social – ansiedade de desempenho (MU-TFS)	0,90**	0,90**	0,54**	0,28++	0,19*	0,78**	-	
8. Fobia social –Autoconsciência dolorosa (MU-TFS)	0,79**	0,86**	0,88**	0,25**	0,13	0,77**	0,74**	-

Fonte: . * p < 0,05, ** p < 0,01

DISCUSSÃO

Este estudo objetivou realizar a adaptação cultural das escalas RCBS – Escala Revisada de Timidez Cheek e Buss e SPIN - Inventário de Fobia Social para avaliação da timidez e fobia social entre crianças e adolescentes brasileiros, bem como proporcionar evidências psicométricas capazes de sustentar a diferenciação desses construtos em uma proposta unificada de mensuração da timidez e fobia social. A adaptação cultural dos instrumentos foi adequada, bem como as evidências psicométricas e diferenciação da timidez e fobia social proporcionaram impactos positivos nas propostas de avaliação destes construtos, conforme se detalha a seguir.

ESCALA DE TIMIDEZ (RCBS)

A Escala de Timidez – RCBS foi analisada inicialmente e apresentou índices de ajustes adequados. Os valores de coeficiente alfa ($\alpha = 0,90$) e ômega ($\Omega = 0,90$) se mostraram consistentes com valores relatados em pesquisas anteriores (Crotzier, 2005; Hopko et al., 2005; Rodriguez et al., 2013; Vahedi, 2012). Os itens da estrutura unifatorial podem ser interpretados como timidez, pois refletem os aspectos relativos ao conceito de timidez proposto pelo estudo original do instrumento (Cheek & Briggs, 1990) e se referem aos aspectos de tensão, preocupação e comportamento de inibição diante de situações de interação social. A estrutura unidimensional corrobora com o estudo sobre as evidências de validade do instrumento

realizado por Kwiatkowska et al. (2016). Ainda sobre a RCBS, as análises relativas ao modelo de dois fatores testado por análise factorial confirmatória também apresentaram índices de ajustes, confiabilidade e cargas fatorais que aparentam adequadas na primeira inspeção, mas apresentaram como limitação a não convergência do modelo de forma adequada. Houve a presença de variância residual negativa (Sass, 2010) nos itens 11 e 14 da escala, o que torna o modelo não factível. Soma-se à limitação analítica desse modelo a questão conceitual, pois a estrutura identificada não apresenta respaldo para interpretação teórico-prática (Kwiatkowska et al., 2016), o que desaconselha o uso da estrutura de dois fatores para a RCBS. Assim, recomenda-se o uso da estrutura unifatorial no caso da RCBS.

ESCALA DE FOBIA SOCIAL (SPIN)

No caso do Inventário de Fobia Social – SPIN há diferenças importantes entre a literatura e o estudo atual. A literatura indica estruturas fatoriais anteriores com até cinco fatores que não se mostraram passíveis de convergência no estudo em questão, razão pela qual essas estruturas fatoriais não foram reportadas (Connor et al., 2000; Mörtberg & Fröjmark, 2019; Nagata et al., 2013; Osório et al., 2010). No presente estudo, os modelos deste instrumento convergiram de forma unifatorial e por meio de dois fatores. De forma comparativa, ao se observar a qualidade das propriedades psicométricas e o conteúdo teórico-prático dos fatores, indica-se o uso do modelo de dois fatores para o SPIN. Nesta proposta, o primeiro fator se relaciona ao medo e evitação de interações sociais, enquanto o segundo fator refere-se à evitação a críticas e situações embarqueçosas (Mörtberg & Fröjmark, 2019). Ambas as operationalizações dos fatores se sustentam dentro da acepção conceitual da fobia social.

PROPOSTA DE MENSURAÇÃO UNIFICADA DA TIMIDEZ E FOBIA SOCIAL (MU-TFS)

Um problema das escalas originais RCBS e SPIN, respectivamente, nos modelos unifatorial e modelo de dois fatores é que os conteúdos dos itens apresentam razoável sobreposição entre timidez e fobia social. Isso implica em dúvidas quanto ao construto efetivamente mensurado, o que desaconselha o uso das escalas com base nas estruturas propostas ao se tratar de casos de diagnósticos que impliquem análise diferencial entre traços de timidez e níveis de fobia social. A literatura indica que a sobreposição entre timidez e fobia social pode ter desfechos negativos ao dificultar o manejo adequado para identificação de traços regulares de personalidade (timidez) ou quadros clínicos (fobia social; Akariya et al., 2022; Heiser et al., 2009; Poole et al., 2017; Weeks et al., 2015). Também indica que a linguagem utilizada para descrever os construtos são

quase indistinguíveis (Brook & Willoughby, 2017), o que incitou neste estudo a investigação da estrutura fatorial conjunta dos instrumentos para desambiguação teórico-prática.

Mediante a proposição de estrutura fatorial unificada do RCBS e SPIN (MU-TFS) foi possível esclarecer com maior propriedade as características pessoais avaliadas por essas escalas (timidez ou fobia social), otimizando-se também as propriedades psicométricas associadas às relações com variáveis externas, quando comparadas com estudos anteriores (Brook & Willoughby, 2017; Cheek & Buss, 1981; Heiser et al., 2003; Zdebik et al., 2019). Isto fornece suporte para a confirmação da hipótese do estudo [H1], demonstrando que as evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura interna e consistência interna suportam a proposição de instrumento unificado de avaliação da timidez e fobia social entre crianças e adolescentes brasileiros. Como resultado desse avanço teórico-prático, foi possível abranger a interpretação da estrutura fatorial de três fatores da MU-TFS conforme a seguir.

O primeiro fator da MU-TFS concentra 11 itens sobre dificuldade em interações sociais, em que os aspectos relacionados à insegurança diante de situações de interação social estão mais evidentes, com sentimentos de desconforto e tensão diante das situações sociais (Ché, 2019; Rubin et al., 2009). Nesse fator, os indicadores apresentam menor conteúdo relacionado ao sofrimento psíquico e prejuízo funcional, aproximando-se em maior grau da timidez (Cheek & Briggs, 1990; Crozier, 2005; Tang et al., 2017). Esse fator foi nomeado Timidez – Prejuízo em Interações Sociais.

O segundo fator, é composto por 12 itens. Os itens que avaliam a ansiedade de desempenho são mais presentes nesse fator em que respostas de esquiva ficam mais evidentes (American Psychiatry Association [APA], 2014; Savoia et al., 2010). O comportamento de esquiva nas situações de desempenho está relacionado a possíveis prejuízos na vida acadêmica, profissional e social (Batista et al., 2016; D'El Rey & Pacini, 2005; Marinho et al., 2020; Silva et al., 2019). Os itens do segundo fator relacionam-se teoricamente com a definição de ambos os construtos (timidez e fobia social). Esse fator foi nomeado Timidez e Fobia Social – Ansiedade de Desempenho.

O DSM 5 (American Psychiatry Association [APA], 2014) indica a ansiedade em situações de desempenho como critério diagnóstico para transtorno de ansiedade social (TAS). No modelo de avaliação da timidez os aspectos referentes ao medo e insegurança diante de pessoas em posição de autoridade (Cheek & Buss, 1981; Jones et al., 1986) estão presentes no segundo fator. Desta feita, a retenção de um fator relacionado à ansiedade de desempenho corrobora com o estudo de Brook e Willoughby (2017), o qual demonstra que quando timidez e fobia social são avaliadas de forma conjunta, deve se ter atenção especial às questões relacionadas ao desempenho como

critério diagnóstico para diferenciá-las.

O terceiro fator contempla 12 itens da escala. Os itens referem-se aos aspectos relativos ao processamento cognitivo disfuncional, abrangendo a percepção das situações de forma negativa e ansiedade somática, manifestada por meio de sintomas físicos (Blöte et al., 2019; Cheek & Briggs, 1990; Henderson & Zimbardo, 2010). Nesse fator, os indicadores apresentam maior conteúdo relacionado ao sofrimento psíquico e prejuízo funcional, aproximando-se em maior grau da fobia social (Weeks et al., 2016). Esse fator foi nomeado Fobia Social - Autoconsciência Dolorosa.

Para que a avaliação dos dois construtos (timidez e fobia social) seja viável a partir de apenas um instrumento, foram consideradas as convergências e diferenças entre as dimensões teóricas identificadas na literatura (Heiser et al., 2003; Henderson & Zimbardo, 2010; Poole et al., 2017). Segundo a literatura, a timidez consiste em um traço da personalidade, sendo considerado por alguns teóricos como um conceito mais amplo e flexível. A ocorrência da timidez não está necessariamente vinculada a autoatribuição de todos os componentes relacionados ao construto (Cheek & Briggs, 1990; Heiser et al., 2009; Tang et al., 2017). Em outras palavras, as pessoas se avaliam como tímidas a partir de diferentes situações e comportamentos relacionadas ao contexto da insegurança em interações sociais (Cheek & Briggs, 1990; Dalrymple & Zimmerman, 2013; Pilkonis, 2006). Nessa condição, recomenda-se a intervenção associada à timidez nos casos em que o primeiro fator obtenha predominância em relação aos demais (Cordier et al., 2021; Jones et al., 2014; Liu et al., 2018).

Para o diagnóstico da fobia social, o DSM 5 (American Psychiatry Association [APA], 2014) considera que é necessário atender alguns critérios, os quais se apresentam em diferentes fatores da escala MU-TFS. A característica central descrita no critério A, refere-se ao medo e ansiedade acentuados diante de situações de interação social. O critério C reforça os sentimentos de medo e ansiedade. Os critérios A e C da fobia social podem ser aferidos por meio do fator 1 da MU-TFS (Timidez – Interações Sociais). O fator 2 da MU-TFS (Timidez e Fobia Social – Ansiedade de Desempenho) relaciona-se com os critérios D, F e G do diagnóstico de fobia social, em que o comportamento de esquiva, evitação de situações de desempenho e prejuízo funcional são mencionados. O fator 3 da MU-TFS (Fobia Social - Autoconsciência Dolorosa) associa-se aos critérios B e E, em que são descritos o medo de avaliação negativa e a desproporcionalidade da resposta quando relacionada à situação em que o indivíduo foi exposto. Sendo assim, altas pontuações em todos os fatores da escala MU-TFS configuram pontos de atenção no processo de avaliação, podendo sugerir aprofundamento para potencial diagnóstico do transtorno de ansiedade social em crianças e adolescentes (American Psychiatry Asso-

ciation [APA], 2014; Dalrymple & Zimmerman, 2013; Henderson & Zimbardo, 2010).

DESFECHOS CONSTRUTOS AVALIADOS

Ademais, vários estudos relacionam a timidez com a suscetibilidade a vitimização por bullying (Forsberg & Horton, 2022; Rubin et al., 2009; Tang et al., 2017). Considerando-se a problemática do bullying na atualidade, todas as escalas podem servir como rastreio para a prevenção da violência. Neste estudo, observou-se que a vitimização presencial apresenta correlação positiva e significativa com todos os fatores avaliados, corroborando estudos anteriores que demonstram a timidez e fobia social como preditores da violência entre escolares (Wang et al., 2022; Rosen et al., 2016). Cabe salientar uma exceção neste processo, especificamente do fator de autoconsciência dolorosa. No caso da autoconsciência dolorosa não há correlação positiva e significa com a vitimização virtual, o que pode sugerir a hipótese de que o ambiente virtual proporciona a percepção de menor vulnerabilidade e maior autoconfiança diante da possibilidade de julgamento negativo, anulando o efeito do cyberbullying, o que deve ser investigado por estudos ulteriores (Balakrishnan, 2018; Clark & Bussey, 2020; Palermi et al., 2017).

Quanto à implicação prática do estudo, as estruturas originais dos instrumentos de timidez e fobia social, quando aplicadas separadamente, apresentam como vantagem maior brevidade pela quantidade de itens, podendo ser destinadas aos espaços escolares para rastreio da incidência do fenômeno na localidade (Cheek & Briggs, 1990; Connor et al., 2000). Pela questão da sobreposição conceitual entre elas, recomenda-se o encaminhamento aos serviços especializados para aprofundamento em caso de rastreio positivo (Cho et al., 2018; Crozier, 2005; Hopko et al., 2005; Mörtberg & Fröjmark, 2018; Nagata et al., 2013; Osório et al., 2010; Rodriguez et al., 2013; Vahedi, 2011).

Para contextos de avaliação psicológica especializada, cuja hipótese diagnóstica e prognóstica necessite diferenciar entre timidez e fobia social, sugere-se o uso da proposta unificada de instrumento, que se apresenta como contribuição ímpar do presente estudo. Especificamente em situações de atendimento clínico e psicopedagógico, bem como para instituições com elevado índice de violência que buscam minimizar os impactos da vitimização de bullying, sugere-se o uso da nova escala unificada pela maior qualidade psicométrica e implicação teórico-conceitual da proposta da MU-TFS. Nessa seara, o foco da prática de avaliação enfatiza a promoção de desfechos consequencialmente positivos à adaptação e desenvolvimento de crianças e adolescentes (Bicalho & Vieira, 2018; Bueno e Peixoto, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal contribuição do presente estudo está na oferta de propriedades psicométricas capazes de fomentar o uso de instrumentos para rastreio da timidez e fobia social de forma isolada ou unificada em diferentes espaços de atuação. Entre as limitações, destaca-se a restrição da amostra em função do tamanho e características sociodemográficas, que deve ser expandida em condições de alcançar maior representatividade demográfica à realidade brasileira de crianças e adolescentes. Com a expansão da amostra, os trabalhos futuros devem contemplar a análise dos escores para definição de pontos de corte, refinando os critérios diagnósticos propostos pelo novo instrumento. No nível teórico-conceitual, a desambiguação da timidez e fobia social pela proposta unificada também implica positivamente na correta avaliação e encaminhamento dos casos de timidez e fobia social em instituições escolares, clínicas e outros dispositivos que prestem assistência ao desenvolvimento e adaptação humana de crianças e adolescentes no Brasil.

FINANCIAMENTO

A presente pesquisa não recebeu nenhuma fonte de financiamento sendo custeada com recursos dos próprios autores.

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

D.M. e P.A.C. contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do projeto de pesquisa que resultou neste artigo; D.M. S.P.F e P.A.C realizaram a operacionalização da investigação que resultou neste artigo; D.M. e P.A.C. fizeram a redação inicial do artigo (rascunho) e D.M., H.M.S.V, S.P.F. e P.A.C. são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

REFERÊNCIAS

- Akariya, O., Anholt, G. E., & Shahar, G. (2022). Is Self-Criticism Uniquely Associated with Health Anxiety among Jewish and Arab Israeli Young Adults? *International Journal of Cognitive Therapy*, 15(1), 81-93. <https://doi.org/10.1007/s41811-021-00121-x>
- American Psychiatry Association [APA] (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5^a ed.). Artmed.
- Balakrishnan, V. (2018). Actions, emotional reactions and cyberbullying—From the lens of bullies, victims, bully-victims and bystanders among Malaysian young adults. *Telematics and Informatics*, 35(5), 1190-1200. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2018.02.002>
- Bandalo, D. L., & Finney, S. J. (2018). Factor analysis: Exploratory and confirmatory. In *The reviewer's guide to quantitative methods in the social sciences* (pp. 98-122). Routledge.
- Barrio-Gándara, M., Holgado-Tello, F. P., Carrasco, M. Á., & González-Calderón, M. J. (2021). An analysis of the comorbidity between children's depression and aggression symptoms: self-esteem and oppositional misbehavior as mediators. *Current Psychology*, Preprint(1), 1-12. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02131-6>
- Batista, D.; Borri, L. M.; Schmitt, S. S.; Barros, Y. S. & Cyrino, L. A. R. (2016). A Fobia Social no Cotidiano de Adolescentes. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitosidade*, 15(1), <https://doi.org/10.17921/2176-5626.n15p56-61>
- Bekkhus, M., Baldwin, D., Coplan, R. J., von Soest, T., Skaret, S., Ulset, V., & Borge, A. I. (2022). Examining launch and snare effects in the longitudinal associations between shyness and socio-emotional difficulties in childhood. *Social Development*, 31(1), 109-125. <https://doi.org/10.1111/sode.12528>
- Bicalho, P. P. G. & Vieira, E. S. (2018). Direitos Humanos e Avaliação Psicológica: Indissociabilidade do Compromisso Ético-Político Profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38 (1), 147-158. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000211836>
- Blöte, A. W., Miers, A. C., Van den Bos, E., & Westenberg, P. M. (2019). Negative social self-cognitions: How shyness may lead to social anxiety. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 63(1), 9–15. <https://doi.org/10.1016/j.apdev.2019.05.003>
- Bohlin G. & Hagekull B. (2009). Socio-emotional development: from infancy to young adulthood. *Scandinavian Journal of Psychology*, 50(6), 592-601. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2009.00787.x>
- Borba, B. & Marin, A. (2018). Problemas emocionais e de comportamento e rendimento escolar em adolescentes. *Psico*, 49(4), 348-357. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.4.26941>.
- Bordás, C. S. & Usán, P. (2019). Influencia de los problemas internalizantes y externalizantes en la autoeficacia en estudiantes de Secundaria. *Revista de Investigación Educativa*, 37(2), 413-429. <https://doi.org/10.6018/rie.37.2.323351>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F. & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Brook, C. A., & Willoughby, T. (2017). Shyness and Social Anxiety Assessed Through Self-Report: What Are We Measuring? *Journal of Personality Assessment*, 101(1), 54-63. <https://doi.org/10.1080/00223891.2017.1388808>
- Bueno, J. M. H. & Peixoto, E. M. (2018). Avaliação Psicológica no Brasil e no Mundo. *Psicologia: Ciência e Profissão* 38(1), 108-121. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208878>

- Chec, M. (2019). Contemporary views on shyness – a literature review. *Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, 21(1), 77-84. <https://doi.org/10.12740/APP/109628>
- Cheek, J. M., & Buss, A. H. (1981). Shyness and sociability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41(2), 330-339. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.41.2.330>
- Cheek, J. M., & Briggs, S. R. (1990). Shyness as a personality trait. In W. R. Crozier (Ed.), *Shyness and embarrassment: Perspectives from social psychology* (pp. 315-337). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511571183.012>
- Cheek, J. M., & Buss, A. H. (1981). Shyness and sociability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41(2), 330-339. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.41.2.330>
- Cho Y., Choi, Y., Kim, S. & Hong, S. (2018) Factor Structure and Other Psychometric Properties of the Social Phobia Inventory in Korean Samples. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 51(4), 263-280, <https://doi.org/10.1080/07481756.2018.1435188>
- Clark, L. A., & Watson, D. (2019). Constructing validity: New developments in creating objective measuring instruments. *Psychological Assessment*, 31(12), 1412-1427. <https://doi.org/10.1037/pas0000626>
- Clark, M., & Bussey, K. (2020). The role of self-efficacy in defending cyberbullying victims. *Computers in Human Behavior*, 109 (1), 106340. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106340>
- Connor, K., Davidson, J., Churchill, L., Sherwood, A., Foa, E. & Weisler, R. (2000). Psychometric properties of the Social Phobia Inventory (SPIN). *The British Journal of Psychiatry: The Journal of Mental Science*, 176 (1), 379-86. <https://doi.org/10.1192/bj.p.176.4.379>
- Cordier, R.; Speyer, R.; Mahoney, N.; Arnesen, A.; Mjelde, L. H. & Nyborg, G. (2021). Effects of interventions for social anxiety and shyness in school-aged children: A systematic review and meta-analysis. *PLoS ONE* 16(7), e0254117. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0254117>
- Cortina, J. M., Sheng, Z., Keener, S. K., Keeler, K. R., Grubb, L. K., Schmitt, N., Tonidandel, S., Summerville, K. M., Heggestad, E. D., & Banks, G. C. (2020). From alpha to omega and beyond! A look at the past, present, and (possible) future of psychometric soundness in the Journal of Applied Psychology. *Journal of Applied Psychology*, 105(12), 1351-1381. <https://doi.org/10.1037/apl0000815>
- Crozier, W. R. (2005). Measuring shyness: Analysis of the Revised Cheek and Buss Shyness scale. *Personality and Individual Differences*, 38(8), 1947-1956. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.12.002>
- Dalrymple, K. & Zimmerman, M. (2013). When does benign shyness become social anxiety, a treatable disorder? *Current Psychiatry*, 12 (1), 21-38. <https://www.mdedge.com/psychiatry/article/78290/anxiety-disorders/when-does-benign-shyness-become-social-anxiety-treatable/page/0/1>
- D'El Rey, G. F. & Pacini, C. A. (2005). Medo de falar em público em uma amostra da população: prevalência, impacto no funcionamento pessoal e tratamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 237-242. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200014>
- Fatori, D., Brentani, A., Grisi, S. J. F. E., Miguel, E. C., & Graeff-Martins, A. S. (2018). Prevalência de problemas de saúde mental na infância na atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9), 3013-3020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.25332016>
- Forero, C. G., Maydeu-Olivares, A., & Gallardo-Pujol, D. (2009). Factor analysis with ordinal indicators: A Monte Carlo study comparing DWLS and ULS estimation. *Structural Equation Modeling*, 16(4), 625-641. <https://doi.org/10.1080/10705510903203573>
- Forsberg, C., & Horton, P. (2022). 'Because I am me': school bullying and the presentation of self in everyday school life. *Journal of Youth Studies*, 25(2), 136-150. <https://doi.org/10.1080/13676261.2020.1849584>
- Friedman, H. S. & Schustack, M. W. (2004). Teorias da Personalidade: da teoria clássica à pesquisa moderna. Prentice Hall.
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (Eds.). (2004). Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment. Psychology Press.
- Heiser N. A., Turner S. M., & Beidel D. C. (2003). Shyness: relationship to social phobia and other psychiatric disorders. *Behaviour Research and Therapy*, 41(2), 209-21. [http://doi.org/10.1016/s0005-7967\(02\)00003-7](http://doi.org/10.1016/s0005-7967(02)00003-7)
- Heiser, N. A., Turner, S. M., Beidel, D. C., & Roberson-Nay, R. (2009). Differentiating social phobia from shyness. *Journal of Anxiety Disorders*, 23(4), 469-476. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2008.10.002>
- Henderson, L. & Zimbardo, P. (2010). Shyness, Social Anxiety, and Social Anxiety Disorder. Academic Press.
- Hopko D. R., Stowell J., Jones W. H., Armento M. E., & Cheek J. M. (2005). Psychometric properties of the Revised Cheek and Buss Shyness Scale. *Journal of Personality Assessment*, 84(2), 185-92. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8402_08
- Joiner, T. E., Jr. (1997). Shyness and low social support as interactive diatheses, with loneliness as mediator: Testing an interpersonal-personality view of vulnerability to depressive symptoms. *Journal of Abnormal Psychology*, 106(3), 386-394. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.106.3.386>
- Jones, K. M., Schulkin, J., & Schmidt, L. A. (2014). Shyness: Subtypes, psychosocial correlates, and treatment interventions. *Psychology*, 5(3), 244- 254. <https://doi.org/10.4236/psych.2014.53035>
- Jones, W. H., Briggs, S. R., & Smith, T. G. (1986). Shyness: conceptualization and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(3), 629-639. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.51.3.629>

- Kagan J., Reznick, J. S., & Snidman, N. (1988). Biological bases of childhood shyness. *Science*, 240(4849), 167-171. <https://doi.org/10.1126/science.3353713>
- Karevold, E., Ystrom, E., Coplan, R. J., Samson, A. V., & Mathiesen, K. S. (2012). A Prospective Longitudinal Study of Shyness from Infancy to Adolescence: Stability, Age-Related Changes, and Prediction of Socio-Emotional Functioning. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40(1), 1167-1177. <https://doi.org/10.1007/s10802-012-9635-6>
- Kwiatkowska, M., Kwiatkowska, K., & Rogoza, R. (2016). Polish adaptation of the Revised Cheek and Buss Shyness scale and a significance of shyness in the context of personality traits and metatraits. *Studia Psychologiczne*, 54(1), 1-17. <https://doi.org/10.2478/V1067-010-0156-7>
- Liu, J., Bowker, J., Coplan, R., Yang, P., Li, D., & Chen, X. (2018). Evaluating Links Among Shyness, Peer Relations, and Internalizing Problems in Chinese Young Adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 29(3), 696-709. <https://doi.org/10.1111/jora.12406>
- Maito, D., Priolo-Filho, S., & Cortez, P. A. (2023). Timidez e fobia social infanto-juvenil: quais instrumentos utilizar na investigação? *Psicologia Argumento*, 41(112), 2978-2998. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.112.A013>
- Marinho, A. C. F., Medeiros, A. M., Pantuza, J. J., & Teixeira, L. C. (2020). Autopercepção de timidez e sua relação com aspectos da fala em público. *CoDAS*, 32(5). <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019097>
- Monjas, I. & Caballo, V.E. (2005). Psicopatología e tratamiento da timidez na infância. In Caballo, V.E. & Simón, M.A. Manual de Psicopatología Clínica Infantil e do Adolescente: Transtornos específicos (pp. 271-298). Livraria Santos Editora.
- Mörtsberg E, Jansson Fröjmark M. (2019). Psychometric Evaluation of the Social Phobia Inventory and the Mini-Social Phobia Inventory in a Swedish University Student Sample. *Psychological Reports*, 122(1), 323-339. <https://doi.org/10.1177/0033294118755097>.
- Murberg, T. (2009). Shyness Predicts Depressive Symptoms Among Adolescents: A Prospective Study. *School Psychology International* 30(1), 507-519. [http://doi.org/10.1177/0143034309107065](https://doi.org/10.1177/0143034309107065)
- Nagata, T., Nakajima, T., Teo, A., Yamada, H. & Yoshimura, C. (2013). Psychometric properties of the Japanese version of the Social Phobia Inventory. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 67(1), 160-166. <https://doi.org/10.1111/pcn.12037>
- Nunes, C. H. S. S., Zanon, C. & Hutz, C. S. (2018). Avaliação da personalidade a partir de teorias fatoriais de personalidade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. M (orgs.), *Avaliação Psicológica da Inteligência e da Personalidade* (pp. 217-232). Artmed.
- Osório F. L., Crippa, J. A., & Loureiro, S. R. (2010). Evaluation of the psychometric properties of the Social Phobia Inventory in university students. *Comprehensive Psychiatry*, 51(6), 630-40. <https://doi.org/10.1016/j.comppsych.2010.03.004>
- Palermi, A. L., Servidio, R., Bartolo, M. G., & Costabile, A. (2017). Cyberbullying and self-esteem: An Italian study. *Computers in Human Behavior*, 69, 136-141. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.12.026>
- Parco, D.A., & Jó, P.S.B. (2015). Conductas internalizantes y externalizantes en adolescentes. *Liberabit*, 21(2), 253-259. http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272015000200008&lng=es&tlang=pt
- Pilkonis, P. (2006). Shyness, public and private, and its relationship to other measures of social behavior. *Journal of Personality*, 45(1), 585-595. <http://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1977.tb00173.x>
- Poole, K. L., Van Lieshout, R. J., & Schmidt, L. A. (2017). Exploring relations between shyness and social anxiety disorder: The role of sociability. *Personality and Individual Differences*, 110(1), 55-59. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.01.020>
- Powell, W. S., Wasow, T., & Black, D. (2022). Assessment of factors associated with social anxiety and mental illness. *Aegaeum*, 17(1), 10-20. <http://royaljms.com/index.php/aegaeum/article/view/237>
- Rai, R. (2011). Shyness and sociability re-examined: Psychometrics, interactions, and correlates (Doctoral Thesis in Science). McMaster University. <https://macsphere.mcmaster.ca/bitstream/11375/10693/1/fulltext.pdf>
- Rodriguez, T. C., Castilla, H., Urrutia, C., Valdivia, A., & Shimabukuro, M. (2013). Análisis psicométrico preliminar de la escala de timidez revisada de Check y Buss en adolescentes y jóvenes peruanos. *Psychología: Avances De La Disciplina*, 7(2), 13-24. <http://www.scielo.org.co/pdf/psych/v7n2/v7n2a02.pdf>
- Rosen, L., Scott, S. & DeOrnellas, K. (2016). Teachers' Perceptions of Bullying: A Focus Group Approach. *Journal of School Violence*. 16(1), 1-21. <https://doi.org/10.1080/15388220.2015.1124340>
- Rubin, K. H., Coplan, R. J., & Bowker, J. C. (2009). Social withdrawal in childhood. *Annual Review of Psychology*, 60(1), 141-171. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163642>
- Ryan, K., Gannon-Slater, N., & Culbertson, M. J. (2012). Improving survey methods with cognitive interviews in small-and medium-scale evaluations. *American Journal of Evaluation*, 33(3), 414-430. <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1098214012441499>

- Sass, D. A. (2010). Factor loading estimation error and stability using exploratory factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 70(4), 557-577. <https://doi.org/10.1177/0013164409355695>
- Savoia, M. G.; Barros Neto, T. P.; Vianna, A. M. & Bernik, M. (2010). Avaliação de traços de personalidade em pacientes com fobia social. *Archives of Clinical Psychiatry*, 37 (2), 57-59. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000200005>
- Sellbom, M., & Tellegen, A. (2019). Factor analysis in psychological assessment research: Common pitfalls and recommendations. *Psychological Assessment*, 31(12), 1428-1441. <https://doi.org/10.1037/pas0000623>
- Silva, G. F. A.; Alves, J. M. P. & Lima, N. M. (2019). Característica da fobia social em meios acadêmicos. *Revista Multidisciplinar do Sertão*, 1(4), 547-556. <https://doi.org/10.37115/rms.v1i4.157>
- Spensieri, V., Presaghi, F., & Cerutti, R. (2017). Implicazioni della timidezza e dei sintomi somatici nel bullismo [Implicações da timidez e sintomas somáticos no bullying]. *Rassegna di Psicologia*, 34(2), 59-69. <https://doi.org/10.13133/1974-4854/16673>
- Stelko-Pereira, A. C., de Albuquerque Williams, L. C., Ambiel, R. A. M., & Cortez, P. A. (2019). Evidências de validade para a Escala de Vitimização entre Alunos (EVA). *Revista Portuguesa de Educação*, 32(2), 122-133. <https://doi.org/10.21814/rpe.18064>
- Tang, A., Van Lieshout, R. J., Lahat, A., Duku, E., Boyle, M. H., Saigal, S., & Schmidt, L. A. (2017). Shyness Trajectories across the First Four Decades Predict Mental Health Outcomes. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 45(1), 1621-1633. <https://doi.org/10.1007/s10802-017-0265-x>
- Tsui, T. Y. L., Lahat, A. & Schmidt, L. A. (2017). Linking Temperamental Shyness and Social Anxiety in Childhood and Adolescence: Moderating Influences of Sex and Age. *Child Psychiatry & Human Development*, 48(1), 778-785. <https://doi.org/10.1007/s10578-016-0702-z>
- Vahedi, S. (2011). The Factor Structure of the Revised Cheek and Buss Shyness Scale in an Undergraduate University Sample. *Iranian Journal of Psychiatry*, 6(1), 19-24. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3395938/>
- Vilete, L., Coutinho, E. & Figueira, I. (2004). Confabilidade da versão em Português do Inventário de Fobia Social (SPIN) entre adolescentes estudantes do Município do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(1), 89-99. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000100023>
- Vilete, L., Figueira, I. & Coutinho, E. (2006). Adaptação transcultural para o português do Social Phobia Inventory (SPIN) para utilização entre estudantes adolescentes. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(1), 40-48. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000100006>
- Wang, S., Li, A., Su, J., & Sun, E. R. (2022). Parent-child attachment and teacher-student relationships in Chinese children from low-income families: A moderated mediation model of shyness and resilience. *Current Psychology*, Preprint, 1-11. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03121-y>
- Weeks, M., Ooi, L. L., & Coplan, R. J. (2016). Cognitive Biases and the Link Between Shyness and Social Anxiety in Early Adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, 36(8), 1095-1117. <https://doi.org/10.1177/0272431615593175>
- Zdebik, M. A., Boivin, M., Battaglia, M., Tremblay, R. E., Falissard, B., & Côté, S. M. (2019). Childhood multi-trajectories of shyness, anxiety and depression: Associations with adolescent internalizing problems. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 64, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2019.101050>
- Zhao, J., Gao, F., Xu, Y., Sun, Y., Han, L. (2020). The relationship between shyness and aggression: The multiple mediation of peer victimization and security and the moderation of parent-child attachment. *Personality and Individual Differences*, 156, e109733. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109733>

Data de submissão: 13/09/2022
Primeira decisão editorial: 24/04/2023
Aceite em 13/08/2023